

A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA PARA O ATENDIMENTO DE ALUNOS COM
NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NO COLÉGIO ESTADUAL
SERTÃOZINHO DE MATINHOS-PR

Pereira, Eder Paulo – FAFIPAR
pitagoras123@msn.com

Ferreira, Antônio – FAFIPAR
tunicof@ig.com.br

Jabur, Simone Sartori-FAFIPAR/UNESPAR
simonesartorijabur@yahoo.com.br

Área Temática: Educação: Diversidade e Inclusão
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Nos últimos anos temos acompanhado um crescente avanço no que tange à formação de professores, porém, ainda temos uma parcela da população estudantil que não conta com profissionais habilitados para o desempenho profissional, é o caso da educação inclusiva, o que nos leva a reconhecer que a atual formação acadêmica de professores para atender as demandas sociais que necessitam de inclusão está bastante debilitada. Esta formação deve ser algo primordial para que se alcance uma educação de qualidade, visando à emancipação de todos os educandos. O presente artigo é resultado das discussões em sala de aula na disciplina de Prática pedagógica do Curso de Pedagogia da Fafipar/Matinhos no litoral paranaense, que resultou num projeto de intervenção pedagógica junto aos professores do Colégio Estadual Sertãozinho no município de Matinhos, tendo como objetivo compreender de que maneira a formação docente influencia no desenvolvimento da prática pedagógica para atender educandos com necessidades educacionais especiais nos anos finais do ensino fundamental. A relevância social do referido tema justifica tal iniciativa, pois, esta nos possibilitou coletar informações do cotidiano dos professores em sala de aula e que mediante discussões pode-se refletir e contribuir na melhoria da prática pedagógica dos sujeitos envolvidos no processo educativo da referida instituição numa perspectiva inclusiva. A metodologia desenvolvida na realização da pesquisa de campo foi mediante aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas a professores regentes que atuam em diferentes áreas do conhecimento nos anos finais do ensino fundamental, sobre sua formação e prática pedagógica bem como a observação não participante do ambiente estudado. Para fundamentar este estudo utilizou-se de diferentes fontes bibliográficas e específicas da área da educação inclusiva. O que nos leva a considerar que o trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula com alunos de inclusão é deficitário na maioria das vezes de projetos de formação de professores desprovidos/descompromissados com as demandas sociais emergentes, no nosso caso, os alunos com necessidades educacionais especiais. Pois, os educadores na sua grande maioria se

sentem despreparado o que evidencia a necessidade de uma formação que os instrumentalize tecnicamente, bem como poder contar com acompanhamento pedagógico para que estes professores possam suprir as reais necessidades pedagógicas. Desse modo acredita-se que, o processo de ensino aprendizagem irá possibilitar aos educandos uma evolução de todas as suas potencialidades, transformando assim estes alunos em cidadãos ativos conscientes de seus direitos e deveres na atual sociedade.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas; Necessidades educacionais especiais; Formação de professores.

Introdução

Considerando a educação enquanto uma das fontes da prática social possibilitadora de transformação de uma sociedade e cientes de que um sistema educacional está inserido em determinada sociedade, este também passa por transformações no decorrer do tempo. Neste sentido percebemos que um dos principais desafios que a educação nos dias atuais enfrenta é no que tange à inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais. O aliás fica muito evidenciado mediante a Declaração de Salamanca (1994, p. 18), ao apontar que:

Muitas crianças experimentam dificuldades de aprendizagem e tem, portanto, necessidades educativas especiais em algum momento de sua escolarização. As escolas têm que encontrar a maneira de educar com êxito todas as crianças, inclusive as que têm deficiências graves.

Sendo assim, uma das maiores dificuldades que a escola está enfrentando atualmente são as que tratam da formação de profissionais para atuar em classe de alunos com necessidades educacionais especiais. Este estudo visa debater de que maneira esta formação está atingindo a prática pedagógica efetiva para o desenvolvimento do trabalho docente com estes alunos. Pesquisa esta realizada em um colégio estadual do litoral do Paraná.

O objetivo principal deste estudo está em, compreender de que maneira a formação docente influencia no desenvolvimento da prática pedagógica para atender os educandos com necessidades educacionais especiais integrados nos anos finais do ensino fundamental.

Portanto, este estudo tem como método uma profunda pesquisa bibliográfica para fundamentar os parâmetros que serão abordados no que se refere à formação de professores que trabalham em colégios “regulares” que possuem alunos inclusos com necessidades educacionais especiais. Utilizando também como técnica de pesquisa questionários mistos, ou

seja, com perguntas abertas e fechadas aplicados a professores regentes do ensino regular, como também a observação não participante deste ambiente estudado.

Desenvolvimento

A educação inclusiva é sem dúvida nenhuma uma prática desafiadora, mas que traz consigo diversas inovações, dentre as quais se podem destacar a questão da qualidade de ensino para todos os educandos, e além do que leva a escola a aperfeiçoar sua prática. Conforme destaca ROSA (2003, p. 12): “É um novo paradigma que desafia o cotidiano escolar brasileiro. São barreiras a serem superadas por todos: profissionais da educação, comunidade, pais e alunos”.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Educação Especial passou a ser vista como uma modalidade de ensino. Modalidade esta que passa por todos os níveis de educação, ou seja, da educação infantil ao ensino superior.

Construir e cultivar políticas de inclusão pressupõe planejar novas formas de atuação, com a intencionalidade e ousadia, a fim de que os aspectos criativos do trabalho docente possibilitem novas formas de intervenção que garantam a participação de todos em diferentes campos de atuação e em diferentes espaços (PAULINO, 2006, p.62).

A Declaração de Salamanca realizada na Espanha em 1994 determina o providenciamento da escolaridade para crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais no ensino regular. Esta declaração reconhece os desafios e barreiras que o sistema educacional irá enfrentar, porém busca novas alternativas para atender a todos os alunos.

Cada escola deveria ser uma comunidade coletivamente responsável pelo sucesso ou fracasso de cada estudante. O grupo de educadores, ao invés de professores individualmente, deveria dividir a responsabilidade pela educação de crianças com necessidades especiais. Pais e voluntários deveriam ser convidados assumir participação ativa no trabalho da escola. Professores, no entanto, possuem um papel fundamental enquanto administradores do processo educacional, apoiando as crianças através do uso de recursos disponíveis, tanto dentro como fora da sala de aula. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LINHA DE AÇÃO SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS, 1994, p. 10).

A educação inclusiva ainda é vista com muito receio por parte de toda a comunidade escolar.

Para Vizim (2001), muitos destes profissionais que estão atuando não tiveram a oportunidade de abordar tais temas em seus cursos de formação. Não possuem experiência prática nem teórica sobre educação especial, não sendo estimulados a buscar informações. Sendo resultado de todo este despreparo, uma forte resistência por parte dos educadores em aceitar a inclusão.

Devem-se incentivar a pesquisa, debates e busca de informações para o enfrentamento desta nova realidade educacional. Isto irá provocar um maior interesse de toda a comunidade escolar.

As idéias sobre a educação para todos a elaboração de um projeto político pedagógico para a escola em muito tem contribuído para que eles se interessem pelos assuntos do “especial” da educação, embora, nem sempre, suas intenções sejam concretizadas na prática (VIZIM, 2001, p.62).

A falta de informação é o grande desafio para a inclusão. Diversos profissionais se sentem desconfortáveis quando são questionados no que diz respeito à inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais.

Segundo Werneck (1997), professores do ensino regular e da educação especial por muitas vezes temem a inclusão. Professores do ensino regular argumentam despreparo para tratar estas questões, e não desejariam assumir um papel em que os mesmos acreditam não conseguir cumpri-lo.

Devendo assim haver uma interação constante entre o professor regente da classe regular e o professor especializado em educação especial.

O planejamento da ação educativa deve ser participativo da ação educativa deve ser participativo, isto é, deve envolver os educadores da educação especial e da educação regular. O professor especializado deve participar de todas as ações, opinando e discutindo com o professor do ensino regular e participando de todo o planejamento em suas fases de elaboração, execução e avaliação (GOFFREDO, 1999, p.47).

Para Mittler (2003), muitos dos educadores, que estão atuando, já possuem conhecimento dos procedimentos pedagógicos que devem assumir frente à educação

inclusiva, o que lhes falta é a confiança para atuar no ensino de pessoas com necessidades educacionais especiais. Ainda existe o mito que para se desenvolver um trabalho na inclusão é necessário uma formação específica na área de educação especial

As atitudes dos educadores influenciam diretamente nas políticas educacionais, por este motivo todos os educadores devem estar em permanente capacitação e não se restringindo a uma especialização pontual em sua prática docente.

As percepções e as atitudes dos professores são obviamente fundamentais às suas respostas para novas políticas de inclusão, afetando o modo como às políticas reagem às respostas e como implementam a capacitação. Aqueles que planejam ou oferecem capacitações deverão considerar as atitudes dos professores, diretores e coordenadores para implementar mudanças ao nível da escola como um todo (MITTLER, 2003, p. 186).

Visando atender as reais necessidades educacionais de sua classe inclusiva, o professor deve estar atento não apenas no que acontece em sala de aula, mas também no que diz respeito a fatores externos da escola. Pois estes fatores sociais, culturais, afetivos entre outros que ocorrem fora da escola irão influenciar diretamente na aprendizagem do educando, bem como na prática docente do professor.

O professor deve transformar sua prática docente em algo dinâmico e ativo, onde sua classe consiga transpor obstáculos sejam eles de ordem cognitiva, afetiva, social entre outros. Nesse momento o professor deve utilizar todo seu conhecimento para promover este crescimento de seus alunos, transformando assim sua prática teórica em uma prática social efetivamente.

Visando um bom, ou melhor, rendimento dos alunos, o professor/educador deve pautar seu trabalho em uma pedagogia ativa, e ficar atento para receber a multiplicidade de fenômenos e ocorrências na sala de aula, não esquecer os fatores endógenos e exógenos, pois as inferências do mundo circundante do ambiente vivencial são captadas, transformadas, amalgamadas pelas forças diretoras íntimas da atividade finalista (MARTINS, 2006, p.114).

Quando se trata da prática pedagógica para a inclusão de educandos com necessidades educacionais especiais, deve estar muito claro que isso implica acima de qualquer coisa uma mudança de postura frente a esta nova realidade educacional.

Segundo Mazzotta (2005), os estudos acerca da inclusão devem investigar cada vez mais qual o perfil do alunado que está sendo atendido. Sendo que desta maneira poderá se providenciar recursos necessários para o bom desempenho e atendimento destes alunos, sejam estes recursos físicos ou pedagógicos. Torna-se necessário observar que a mudança desta prática docente não é possível se apenas o professor estiver envolvido neste processo.

Para que a inclusão educacional aconteça em sua plenitude um conjunto de profissionais deve estar envolvido diretamente neste processo. Contribuindo em um movimento dialético na implementação de uma metodologia adequada no atendimento destas classes inclusivas.

O assessoramento ao professor de classes inclusivas é uma condição indispensável ao sucesso do trabalho, sendo necessário valer o que as Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação Básica prevêm, desde a sua formação de base até o acompanhamento do seu cotidiano (PAULINO, 2006, p.42).

O professor muitas vezes em sua formação inicial não teve um suporte necessário no que se trata da educação inclusiva. Por este motivo que o professor deve estar em constante processo de capacitação, aprimorando assim cada vez mais sua prática docente. Promovendo profundas mudanças na cultura escolar, que por diversas vezes irá provocar uma mudança em toda a comunidade em que a escola esta inserida.

A formação acadêmica, sozinha, não da conta de formar professores para a criatividade e para a inclusão em educação, mas, certamente, é fundamental para desenvolver nos profissionais e futuros profissionais as potencialidades que permitirão a criação de culturas, políticas e práticas de inclusão (PAULINO, 2006, p.55).

Para que um professor seja um agente que promova a inclusão dentro e fora da escola, é necessário que este profissional tenha um forte embasamento teórico. E este embasamento deve ser transmitido desde a sua formação inicial, se tornando assim um processo contínuo.

Uma profunda reestruturação deve acontecer não apenas nas escolas, mas principalmente nos cursos de formação de docentes. Para que este profissional, que irá sair da universidade, possua condições de identificar e se possível atender este novo desafio educacional da atualidade: “É indispensável uma reforma na formação dos professores que

precisam aprender a identificar e atender as necessidades especiais de aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos portadores ou não de deficiência (GOFFREDO, 1999, p.68)”.

Para que a educação inclusiva ultrapasse as barreiras teóricas e consiga chegar a uma prática efetiva todos os profissionais ligados à educação deve se transformar em constantes pesquisadores.

Estas pesquisas poderão oferecer a este profissional o suporte teórico para que o mesmo utilize em sua prática cotidiana promovendo assim um processo de construção do conhecimento.

É preciso que a ação do profissional de educação volte-se para uma prática de pesquisa, em que o objeto estudado se reverta em promoção de desenvolvimento humano por meio de aprendizagens, bem como sirva de mediação para o processo de construção da identidade dos agentes sociais (PAULINO, 2006, p.104).

A escola, sobretudo a sala de aula, é o espaço pedagógico onde todo o trabalho de pesquisa é desenvolvido. Em uma sala de aula é possível perceber se esta classe é realmente uma classe inclusiva ou não.

A maneira como a escola desenvolve sua proposta pedagógica para atender a educandos com necessidades educacionais especiais, fica visível quando se observa de que maneira são tratadas questões como o planejamento, métodos, recursos físicos entre outros.

A sala de aula é um espaço onde se pode mais claramente observar o funcionamento discursivo dos professores, na forma de organização das turmas, nos seus planejamentos, nos objetivos que pretendem alcançar com seus alunos, nos conteúdos que elegem para serem trabalhados, nos métodos que utilizam, nos recursos que disponibilizam, na relação estabelecida entre tais recursos e os educandos e na forma como os avaliam (MARQUES, 2001, p.33).

Porém não basta que apenas o professor se torne um pesquisador para melhorar sua prática, pois assim esta mudança de concepção será pontual e isolada, não promovendo grandes mudanças. Para que uma prática pedagógica atenda as necessidades e anseios dos educandos, o professor deve receber suporte pedagógico necessário para realizar seu trabalho.

As práticas pedagógicas eficazes e apropriadas às deficiências são imprescindíveis para a evolução dos alunos, e isso o professor só consegue planejar e desenvolver quando recebe o referencial teórico e assessoria pedagógica adequada (PAULINO, 2006, p. 34).

Sendo assim para que uma prática docente realmente seja inclusiva, diversos fatores devem estar associados, como por exemplo, fundamentação teórica, apoio especializado, recursos materiais entre outros. Mas se faz de extrema importância o apoio e assessoria contínua de uma equipe pedagógica.

Desta forma deve-se ter a clareza de que o profissional que irá atuar na educação inclusiva, deverá então possuir uma formação permanente através da formação continuada, atividades de pesquisa, grupos de estudo entre outros meios de formação.

Neste processo de pesquisa contínua, são desenvolvidos a cada dia diversos instrumentos que auxiliam o trabalho pedagógico, visando uma maior qualidade para professores e alunos: “Com o avanço da ciência e da tecnologia, importantes instrumentos e aparelhos têm sido desenvolvidos para oferecer e facilitar o desenvolvimento, a educação, a vida. (MAZZOTTA, 2005, p.201)”.

Sendo assim, a educação inclusiva promove um processo de reflexão não apenas na escola, mas em toda a sociedade mundial. Com o objetivo de criar uma sociedade mais justa, que respeite e aprenda com as diferenças. Não repetindo assim os mesmos erros de seus antepassados.

Análise dos dados

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Sertãozinho do município de Matinhos no litoral paranaense e contou com a participação de 20 professores atuantes nos anos finais do ensino fundamental. São professores regentes de diversas disciplinas que possuem alunos com necessidades educacionais especiais em suas respectivas salas de aula. Atualmente, o Colégio conta com 25 turmas de 5ª a 8ª séries da Educação Básica, 12 turmas do 1º ao 3º Ano da Educação Básica, 01 sala de CAEDV, 01 Sala de Recursos, 01 Sala de Apoio, totalizando 1318 alunos.

Na grande maioria os alunos da escola são carentes que buscam na escola um local para se divertir e se alimentar. Observou-se também que ocorre pouco envolvimento dos pais no âmbito escolar, visto que a população é flutuante, pois muitas famílias chegam próximo ao

final do ano letivo para trabalhar na temporada de verão e, às vezes, não permanecem mais de que alguns meses. O que dificulta a aprendizagem, porém, em se tratando da educação enquanto prática social cabe destacar a necessidade da formação profissional para atender estes desafios.

Neste sentido, segundo Goffredo (1999), é fundamental que se criem alternativas para melhorar a formação destes profissionais que irão atuar em uma classe com alunos inclusos com necessidades educacionais especiais, para que estes profissionais consigam não apenas atender a estes educandos, mas também perceber quando este aluno necessita de um atendimento diferenciado.

Fazendo a análise das respostas dadas pelos professores pesquisados, podemos observar que no aspecto que trata da formação deste profissional para atuar em uma educação inclusiva, 10% desses profissionais se declararam preparados para atuar nessa nova realidade educacional, pois já possuem experiência com alunos de educação especial, 35% afirmaram se considerar pouco preparados para atuar em uma educação inclusiva, pois não possuem referencial teórico para isso e o pouco que sabem foi por iniciativa própria em procurar informações sobre o assunto, mas 55% se consideram totalmente despreparados. Justificando tais respostas com a falta de cursos para trabalhar com estes alunos, com uma deficiência em suas formações iniciais para trabalhar com a inclusão e que nunca participaram de cursos específicos que trouxessem conhecimento para trabalhar com tais diferenças.

Para Mazzotta (2005), a escola deve utilizar toda a tecnologia que a ciência vem desenvolvendo para adquirir meios de proporcionar um melhor desenvolvimento a estes educandos com necessidades educacionais especiais. Estes instrumentos podem facilitar não somente a vida do professor como também dos educandos, porém se faz necessário uma capacitação destes profissionais para realizar esta mediação entre tecnologia e aprendizagem.

Outra questão visa observar como esta instituição pesquisada está adaptada, segundo a visão destes professores para atender a alunos inclusos. Os profissionais pesquisados afirmaram que a instituição pesquisada está situada entre pouco adaptada e não adaptada para a inclusão de educandos com necessidades educacionais especiais. Sendo que 60% declaram que a instituição é pouco adaptada, pois não possui espaço físico adequado, e o pouco material pedagógico adaptado é construído pelos poucos profissionais especializados que atuam nesta instituição. Mas 40% declaram que a instituição não está adaptada, pois segundo

estes profissionais não existem materiais e nem tão pouco apoio pedagógico suficiente para atender esta realidade educacional.

Para Goffredo (1999), o planejamento de atividades pedagógicas desenvolvidas pelos professores deve ser baseada em uma prática participativa, onde todos os profissionais trabalham em conjunto desde a elaboração do planejamento, adaptações curriculares entre outros elementos que consolidam o ideal de educação inclusiva. Deve haver uma integração entre profissionais do ensino regular e da educação especial em um processo constante.

Outro momento desta investigação trata a questão do planejamento adaptado e da revisão do currículo para atender a inclusão de educandos com necessidades educacionais especiais. Nesta questão 25% declara que faz estas adaptações individualmente, sem nenhum apoio pedagógico e estas adaptações são na realização de atividades e avaliações respeitando a limitação dos educandos, porém 75% afirmam que não são feitas adaptações de nenhuma espécie para atender a estes alunos com necessidades educacionais especiais.

Para Paulino (2006), o professor só consegue desenvolver um trabalho que seja eficaz para amenizar as barreiras da inclusão quando recebe um forte referencial teórico seja na sua formação inicial ou em uma formação continuada. Isto quer dizer que, deve-se investir principalmente na questão da formação de professores para atuar nesta realidade educacional inclusiva. Sendo assim, a escola deve realizar contínuos processos de formação para estes educadores, não permitindo que cursos e capacitações tornem-se pontos isolados na prática docente.

Uma abordagem sobre quais as mudanças que a escola deve fazer para atender a inclusão, vários elementos foram citados como: adaptações curriculares, recursos didáticos, adaptações arquitetônicas entre outros. Porém a mudança que os professores deram maior ênfase no aperfeiçoamento de professores para trabalhar com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, totalizando 100% dos professores pesquisados. Pois, segundo estes professores, com uma formação adequada os próprios profissionais irão fazer e estimular estas mudanças citadas acima.

Segundo Paulino (2006), o professor necessita de um acompanhamento pedagógico constante pela equipe pedagógica e profissional especializados em educação especial, sendo assim esta prática pedagógica não deve ser isolada. Mas sim em uma prática baseada na troca de experiências e referenciais teóricos. Pois se houver este acompanhamento, certamente inúmeras barreiras irão surgir no desenvolvimento da proposta inclusiva.

Quando questionados de como ocorre o acompanhamento pedagógico para o atendimento de alunos inclusos, um total de 65% afirma que este acompanhamento é feito apenas pelo professor especializado em educação especial, porém afirmam que este atendimento deixa muito a desejar. Já 20% destes profissionais declaram que tal acompanhamento é realizado por todos os profissionais da escola, mas confessam que isso raramente ocorre e 15% afirma que não existe tal acompanhamento pedagógico. Observa-se que a equipe pedagógica não foi citada por nenhum profissional pesquisado.

Considerações Finais

É de fundamental importância conhecer e estudar profundamente todos os elementos que compõe o espaço educacional. Neste caso específico: como a formação docente influencia na prática pedagógica para a inclusão de educandos com necessidades educacionais especiais.

Observa-se que o movimento da educação inclusiva possui como ponto um dos pontos centrais o professor que irá atuar nesta realidade educacional, e por conseqüência a formação deste profissional que está diretamente ligada a todo este processo. Pode-se analisar que os professores que possuem alunos inclusos se sentem despreparados e sem um acompanhamento pedagógico efetivo. Para que se tenha sucesso na educação inclusiva, todos os profissionais devem estar em constante capacitação, havendo também uma interação entre estes profissionais.

O que lhes falta por muitas vezes é uma sólida fundamentação teórica, para que os mesmos consigam aplicar efetivamente esta teoria estudada em sua realidade escolar. Fazendo assim um movimento dialético entre teoria e prática.

Atividades como grupos de estudo, cursos, palestras, pesquisas, troca de experiências com outros profissionais irão auxiliar este processo de capacitação continua, tendo como reflexo uma prática pedagógica inclusiva. Desta maneira este profissional irá se sentir seguro de sua formação para trabalhar com educandos com necessidades educacionais especiais.

Um profissional da educação bem preparado e capacitado poderá realizar uma série de adaptações que podem possibilitar uma educação inclusiva, quebrando paradigmas educacionais, transformando não apenas sua classe, mas também toda uma comunidade onde a escola estiver inserida. Desta maneira o professor irá atuar como um agente multiplicador de toda sua experiência docente, transmitindo para os demais professores elementos que podem

auxiliar muito no processo de ensino e aprendizagem de educandos com necessidades educacionais especiais.

Promovendo assim uma educação realmente inclusiva que visa desenvolver o educando em todas as suas potencialidades transformando desta maneira um cidadão ativo na sociedade em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- MARQUES, L. P. **Professor de alunos com deficiência mental: concepções e prática pedagógica**. Campinas, SP: UFJF, 2001.
- MARTINS, L. A. R. **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- MAZZOTTA, M. J.S. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2005.
- MITTLER, P. **Educação Inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- PAULINO, M. M. **Inclusão em educação: culturas, políticas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2006.
- ROSA, S. P.S. **Fundamentos teóricos e metodológicos da inclusão**. Curitiba: IESDE, Brasil: 2003.
- SILVA, C. (Ed.). **Educação Especial: tendências atuais**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, MEC, 1999.
- UNESCO, MEC-Espanha. **Declaração de Salamanca e linha de ação**. Brasília: CORDE, 1994.
- VIZIM, M. **Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.